

Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX, de Flávio dos Santos Gomes. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

João José Reis*

O livro de Flávio Gomes resulta de um trabalho excepcional de pesquisa em diversos arquivos brasileiros e de uma leitura muito ampla da bibliografia nacional e internacional a resistência escrava, seu assunto específico, e a escravidão negra em geral, temas acerca dos quais o autor já escreveu diversos e ótimos artigos, publicados em revistas especializadas.

O tema específico aqui é quilombo, sobretudo quilombolas, ou negros fugidos, e suas relações com o mundo em seu redor, um mundo que o autor sustenta ter sido parte absolutamente integrante da vida em fuga. De fato, ele chama o universo histórico de sua pesquisa, seu objeto, de “mundos da escravidão”.

A partir dessa perspectiva, ele combate a visão, por muito tempo predominante na historiografia, de que os quilombos eram agrupamentos marginais ao mundo da escravidão, de que praticavam a política do isolamento, numa tentativa de reconstruir pequenas Áfricas como alternativas ao ambiente opressivo das senzalas. O autor mostra com sucesso que esse não foi em absoluto o caso dos quilombos fluminenses do século XIX, ou de muitos outros quilombos em lugares diferentes e épocas anteriores. Havia relações contínuas, e muitas vezes profundas, entre quilombolas e cativos, relações econômicas, culturais e mesmo familiares.

O quilombola era um membro da comunidade escrava, ele freqüentemente circulava entre a escravidão e a liberdade, ajudando toda a

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.

coletividade dos escravos a redefinir, perante os senhores, novos espaços de barganha. Ser quilombola era um item do “currículo” de escravo e, para que este não se tornasse permanente, muitos senhores amenizavam as brutalidades, o que se tornou especialmente verdadeiro em certas conjunturas políticas. Em geral, na origem da fuga para a formação de quilombos estava exatamente a intransigência de senhores que desrespeitavam certos ganhos - que os escravos já consideravam direitos -, permitindo o afloramento de impasses insuperáveis dentro da rotina da fazenda e da casa.

Mas o universo de relações entre os quilombolas e outros grupos sociais ia além da senzala. Os fugidos, por exemplo, comercializavam com taberneiros e trabalhavam para fazendeiros e lavradores que os acoitavam, formando, em alguns casos, redes de interesses e solidariedades que integravam o quilombo a um mundo largo- das matas de Iguazu à Corte do Rio de Janeiro, no caso em pauta.

Com essa perspectiva, Flávio Gomes se coloca no campo da nova historiografia da escravidão, imaginando os escravos enquanto sujeitos complexos que conceberam sua própria história em diversas direções e agiram com sentidos próprios mas multifacetados, em oposição a uma historiografia que só entende o processo histórico como uma seqüência de movimentos estruturais na direção da “superação” do sistema vigente, no caso a escravidão, e tudo que não aponta nessa direção é entendido como “falho”, como insuficiente para contribuir com a dinâmica histórica. Essa tendência admite que, apenas absolutamente livres da sujeição, indivíduos e coletividades podem se tornar sujeitos de suas histórias. A existência mediana, a ação intermediária, os sutis avanços e recuos, as pequenas mas importantes conquistas, os gestos modestos mas profundos não têm importância. Ou seja, aquilo que a maioria dos homens e das mulheres sempre mais fez e ainda mais faz tem apenas um valor episódico. Não tem muito valor.

O próprio quilombo só teria valor se entendido como um campo de heróis, ainda que heróis limitadíssimos em suas possibilidades. Heróis que

não conseguem sacudir as colunas do sistema, que conseguem tão somente virar suas costas a ele e continuar sem olhar para trás. Pois olhar para trás significaria petrificar-se na indignidade da colaboração com o sistema.

O autor critica e ultrapassa essa visão limitada da história dos quilombos. Seus quilombolas são de carne e osso, lutam desesperadamente para sobreviver e para sobreviver concedem, recuam ou recusam, de acordo com as circunstâncias. Não querem, aliás, apenas sobreviver, mas viver melhor, se possível viver bem, comer, beber, dançar e se multiplicar em gente e feitos. Se têm analogia na mitologia antiga, são Hidras não Hércules. Hércules é o sistema que não consegue fazer cessar o renascimento das cabeças da Hidra. O uso da metáfora é do próprio Gomes.

Um dos pontos altos do trabalho, talvez o mais alto, é o estudo de um dos movimentos mais conhecidos de rebeldia escrava no Rio de Janeiro, o quilombo (na verdade, a tentativa logo sufocada de formação de quilombo) de Manoel Congo, na freguesia de Pati do Alferes, em Vassouras, 1838. O autor levanta muitos dados novos sobre o levante, seus antecedentes, contextualiza-o em termos da resistência e cultura escravas e da economia e demografia da região, discute a relação entre insurreição e formação de quilombos. O longo capítulo sobre a efêmera aventura de Manoel Congo e seus liderados resultou nas melhores páginas escritas sobre o assunto, que já foi tratado em um livro coletivo publicado há dez anos, onde inclusive se encontra transcrita a devassa feita contra os rebeldes (Ver Pinaud, João Luiz *et al.*, *Insurreição negra e justiça: Paty do Alferes, 1838*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura/OAB, 1987).

O livro de Flávio Gomes também estuda várias formas da resistência coletiva nas últimas décadas da escravidão, em diversas regiões fluminenses, finalizando com uma boa discussão sobre o acesso à terra como um dos principais elementos da perspectiva de liberdade dos escravos às vésperas da abolição - e mesmo antes disso. Nesse aspecto, o livro faz companhia a outros recentemente publicados que, entre outras coisas, debatem essa temática específica (Ver por exemplo, Castro, Hebe M. M. de. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste*

escravista - Brasil, século XIX. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995. E Vogt, C., Fry, P., - em colaboração com Robert Slenes. *Cafundó: A África no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996).

Deve-se apenas lamentar que o livro não tivesse sido submetido a um regime de emagrecimento antes de sua publicação. Há muita gordura, que abusa do fôlego do leitor, sobretudo o não especialista. Poderia ter sido bem mais enxuto, sem prejudicar a demonstração empírica e menos ainda a argumentação. Os excessos aparecem principalmente, por um lado, na forma de referências excessivas e freqüentemente desnecessárias à bibliografia secundária; por outro, na forma de transcrição e paráfrase de uma vasta e repetitiva documentação e argumentação. No caso da bibliografia, na maioria das vezes teriam bastado referências mais sucintas e/ou registro em notas de rodapé.

Isso porém não reduz a importância da obra, sua imensa contribuição aos estudos da resistência escrava no Brasil, razão porque ganhou, merecidamente, prêmio do Arquivo Nacional em 1994. É uma pena, aliás, que este e outros importantes livros publicados pelo Arquivo sofram de uma edição graficamente pobre e uma distribuição no mercado livreiro praticamente inexistente.